

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO 5****CAPÍTULO 1 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR

Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 48**

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS

Carlos Henrique Barbosa Vieira

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS

Data de aceite: 11/11/2022

Carlos Henrique Barbosa Vieira

Universidade Estadual de Maringá
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1541583285317241>

Paulo José da Costa

Programa de Pós-graduação em
Psicologia, Universidade Estadual de
Maringá
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

INTRODUÇÃO

Os mitos são fascinantes pois revelam, desde os tempos mais remotos, a maneira de um povo explicar os acontecimentos a sua volta, dando voz às suas inquietações a respeito daquilo que lhe cercava e que procurava conhecer e justificar, como a origem da vida, do mundo, do cosmos, os porquês da existência, etc. A esse respeito, comenta Migliavacca (2002) que “[...] escutar o mito é escutar palavras que narram acontecimentos que se deram num tempo não-determinável, muito

anterior à época em que a escrita se tornou disponível à literatura” (p. 252).

A relevância do mito está na sua preservação e fortalecimento através da tradição oral, sendo passado de geração em geração pela oralidade, por histórias contadas desde muito cedo às crianças, aos descendentes, pelos mais velhos. Além disso, na Grécia antiga, sendo o que nos interessa para o propósito do presente trabalho, não havia festa, reunião familiar, ou cívica, em que não se narravam mitos, pela voz de um poeta, tamanha a relevância que eles tinham para o povo da época. Eles se enraizaram na cultura grega de tal forma que estavam presentes não apenas na vida privada, mas fazia parte de vida coletiva, na *pólis*, expressando-se na religião, na literatura e nas artes, mas também na política e no civismo.

Um grande apreciador dos mitos, e particularmente de suas expressões contidas nas tragédias gregas, foi Sigmund Freud. Seu interesse pela cultura grega, e

principalmente os seus mitos, o auxiliou na construção de conceitos importantes da teoria psicanalítica. Um exemplo disso é o complexo de Édipo, que, a partir de sua autoanálise, Freud percebeu em si mesmo características similares ao personagem mítico grego, Édipo. Tanto que em carta a Fliess, em 1897, comentou:

Uma única ideia de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas [...]. Se assim for, podemos entender o poder da atração do Édipo Rei, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino. [...] mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia, foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual. (MASSON, 1986, p. 273)

Essa é uma demonstração isolada, e talvez a mais conhecida, de como o mito grego influenciou Freud na elaboração de sua teoria. Contudo, há vários outros exemplos de tal contribuição na construção do arcabouço teórico psicanalítico, quando discute, por exemplo, a horda primeva, Eros e Tânatos, narcisismo, etc. (ÁVILA, 2002), o que indica a riqueza contida nessas produções humanas, das quais a psicanálise pôde se beneficiar e, como afirma Migliavacca (2003, p. 71), “[...] o psicanalista tem muito a aprender com os gregos, como com seus mitos”.

Ainda sobre tal influência, é possível inferir que o interesse de Freud pela mitologia se dava pelo mesmo motivo que os gregos antigos tiveram com relação ao mundo: a inquietação de tentar explicar aquilo que era oculto aos olhos e somente a imaginação e a criatividade davam voz a esse desejo de conhecer a realidade. Ora, o que está oculto não se dá a conhecer diretamente, é preciso construir meios de acesso a esse desconhecido, e podemos acrescentar aqui o inconsciente, sendo necessário estar atento às inquietações geradas e ter curiosidade pelo que é despertado. Como constata Ávila (2002, p. 9), “Para a psicanálise, desde Freud, a mitologia grega tem representado o grande repositório onde podemos buscar modelos que organizem descrições teóricas, sustentem imagisticamente hipóteses, permitem articulações com os fenômenos clínicos e assegurem constructos para a investigação metapsicológica.”

Tendo em vista estas considerações, destacamos nosso interesse em propor algumas discussões acerca de um personagem fictício cinematográfico, tendo como base elementos psicanalíticos e trágicos, inerentes ao herói da tragédia grega. Nosso intuito é relacionar estes dois elementos com aspectos presentes na trajetória do personagem John Connor, nos filmes *O Exterminador do Futuro*. A escolha desta trilogia fílmica e deste

personagem se justificam em função de nossa pressuposição da presença de certas características relacionadas ao herói trágico, que podem ser discutidas psicanaliticamente, num encontro de perspectivas rico em possibilidades.

A TRAGÉDIA E O HERÓI GREGO

As tragédias gregas surgiram no século V a. C. em Atenas, em um período de grande desenvolvimento político, cultural e econômico, apresentadas em festas anuais em honra ao deus Dioniso. Os enredos trágicos baseavam-se nos mitos já amplamente conhecidos, dando-lhes uma versão diferente, que dependia das intenções e da criatividade dos tragediógrafos. Uma de suas características é a presença de um conflito entre um personagem e uma instância maior, como os deuses, as leis, o destino, etc., sendo que esse fator transcendental controla o fluxo dos acontecimentos, geralmente conduzindo a um final trágico, em que o herói sofre as consequências por tentar ir contra, na tentativa de evitar o destino que lhe é reservado.

Desde o início e durante todo o desenrolar da trama, o espectador (ou o leitor) da tragédia se depara com um clima de tensão constante e de indícios de como o final trágico pode ocorrer, pois aquilo que procura ser evitado pelo herói acaba ocorrendo inevitavelmente. O herói, na intenção de controlar o destino e se salvar, acaba sendo responsável pelo seu próprio fim, uma vez que as ações realizadas com tal propósito o conduzem à desmedida, a *hýbris*, ou são por ela desencadeadas. De acordo com Franciscato (2003, p. 29), “A *hýbris* é excesso, desmedida, descomedimento. Pode também ser traduzida como violência, orgulho, arrogância, impetuosidade e insolência, mas nenhuma dessas traduções esgota a abrangência de seu significado.” A autora acrescenta ainda que

a *hýbris*, da visão tradicional, é uma espécie de ofensa aos deuses: atos, palavras ou mesmo pensamentos por meio dos quais o mortal esquece as limitações que lhe são próprias, compete com os deuses e procura adquirir seus atributos, provocando a hostilidade divina. [...]. A *hýbris* gera necessidade de reparação dos limites transgredidos, que se manifesta como punição divina. (FRANCISCATO, 2003, p. 30).

Portanto, o estado de *hybris* afeta a relação do herói com os deuses, um fator transcendental, sendo responsável por efetivar o erro trágico que conduz ao seu fim. A esse respeito, Pastore (2012, p. 115) comenta que,

O trágico, para os gregos antigos, é a tomada de consciência da experiência da *hybris*, da desmesura dos homens em suas ações, é a experiência do desejo entusiasta e furioso de transgressão da condição finita do homem, limite que separa o humano do divino.

É nessa condição transgressiva que o herói revela com muita contundência a sua humanidade, num efeito paradoxal no confronto com sua busca de ultrapassar os limites

que lhe são impostos. Reafirmando o dito acima, quanto mais ele luta para controlar o seu destino e vencer as suas limitações, mais ele se aproxima daquilo que quer evitar e encontra a si mesmo, apenas humano (SILVA, 2014).

Migliavacca (2004) considera a tragédia e o herói trágico inovadores, no sentido de que surge uma nova concepção de homem. Segundo a autora, na configuração trágica, o herói faz as suas escolhas e toma consciência de si, dos erros que comete e se responsabiliza por suas decisões equivocadas; com isso, aceita o seu destino, embora não seja submisso, sem perder a sua dignidade.

A PSICANÁLISE ALÉM DA CLÍNICA E AS OBRAS DE ARTE

Num movimento para além da clínica, a psicanálise sempre se interessou obviamente pelas produções humanas, entre elas a arte, no âmbito literário, cinematográfico, musical, teatral, entre outros, cujas obras são analisadas por diferentes perspectivas. Freud (1996) nos dá um exemplo fecundo desse encontro entre psicanálise e arte, em seu texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, obra em que busca fazer uma relação de aspectos da infância do artista com as suas criações artísticas. Quanto a isso, Machado Junior (2014, p. 34) afirma: “O tratamento que Freud reserva às obras artísticas submetidas ao escrutínio clínico tem sobrevivido aos anos e se faz notar ainda hoje em alguns trabalhos psicanalíticos sobre cinema.” Destaca-se, portanto, a importância e influência do pensamento freudiano nesse campo, embora seja preciso esclarecer que inúmeros outros autores, de outras vertentes psicanalíticas, têm contribuído com tais discussões, procurando abordar a análise de obras de arte por vértices diferentes daquele proposto por Freud.

Mesmo reconhecendo o quão fundamentais são as contribuições freudianas nesse encontro entre psicanálise e arte, Machado Junior (2014) aponta como uma limitação que Freud tenha priorizado certos conteúdos em detrimento das qualidades formais e técnicas das obras de arte. Por exemplo, embora Freud nunca tenha analisado uma obra cinematográfica, para os fins do nosso trabalho é importante destacar que certos aspectos estéticos formais e técnicos, como a escolha de um cenário específico, a trilha sonora, o jogo de câmera, a técnica de filmagem em 2D ou 3D, entre outros, são relevantes para a construção de um determinado conteúdo expresso de modo fílmico, para o entendimento, análise e apreciação da obra. Todavia, tais aspectos não precisam necessariamente ser inclusos numa interpretação psicanalítica, mas é necessário considerá-los no processo de contato com a obra a ser analisada. Não é o caso de ignorar, mas, sim, delimitar, a partir do conjunto dos elementos que se tem, aquilo a ser expresso como uma possível compreensão, levantando possibilidades interpretativas, construindo conjecturas, sem a

pretensão de indicar um entendimento como único e verdadeiro.

Portanto, é recomendável e importante que, ao analisarmos uma obra de arte, busquemos compreensões possíveis do ponto de vista psicanalítico, atentando sempre ao fato de que as interpretações são de quem as produz e não verdades absolutas, para que não se incorra num equívoco de simplesmente se psicanalisar a arte e desconsiderar a subjetividade de cada um que vê a mesma obra, seja cinematográfica, musical, teatral, literária, etc. Sobre isso, e referindo-se ao cinema, Machado Junior (2014) comenta que a análise de um psicanalista

pode contribuir para enriquecer a obra cinematográfica ao propor narrativas secundárias que fazem referência ao objeto original, isto é, o texto fílmico. Nesse caso, o trabalho de análise é colocado em benefício da obra cinematográfica quando proporciona uma amplificação de elementos presentes no filme que ressoam no universo simbólico do analista, oferecendo ao público outras possibilidades de entendimento do filme e interpretação de seus significados latentes. (MACHADO JUNIOR, 2014, p. 47)

Nesse sentido, a psicanálise tem muito a contribuir e se beneficiar desse encontro com a arte, enquanto expressão de fenômenos humanos, priorizando a subjetividade em sua diversidade, por diferentes vértices, e ao mesmo tempo a singularidade da experiência de quem entra em contato com uma obra.

CINEMA E MITOLOGIA NA ATUALIDADE

De acordo com Kerber (2017), a cultura contemporânea criou seus próprios mitos a partir daquilo que a caracteriza como sociedade. Mas diferente das sociedades antigas em que o mito era uma verdade, na atualidade ele é uma forma de narrativa tida como expressão fantasiosa, mas não deixa de ser “[...] uma clara representação do ser humano na sua tentativa de explicar e ser explicado.” (p. 10), contendo, inclusive, “[...] elementos que podem servir de ensinamento para a vida cotidiana das pessoas.” (p. 10), cujos sentidos são percebidos nas entrelinhas do que é narrado. Portanto, “O mito assume um novo caráter, não mais vinculado à natureza, ou as manifestações dos deuses das antigas mitologias, mas provém através de símbolos próprios da cultura pós-moderna e secular, [...] carregados de sentido [...]” (p. 11), necessitando algum tipo de decodificação.

Uma das expressões míticas contemporâneas, segundo Kerber (2017), são as superaventuras, onde heróis e super-heróis povoam o cinema, a literatura, as histórias em quadrinhos, os *games*, séries televisivas; enfim, as mídias contemporâneas (CASA NOVA, 2019; LIMA, 2011), em que tais narrativas de superaventuras “[...] assumem o mesmo papel das narrativas mitológicas” (p. 13). Assim, do mesmo modo que os personagens míticos de outrora, os heróis e super-heróis da atualidade “[...] nascem na mente do ser humano,

em seus anseios e em seus desejos de transcender suas próprias barreiras, seus próprios limites, em superar seus problemas existenciais, físicos e imediatos.” (REBLIN, 2008, p. 41). Isso porque sempre persistiu uma fascinação pelo universo mítico (LÓPEZ SACO, 2017), configurando, segundo o autor, um novo mitologismo, com inspiração nos mitos antigos, mas adaptando-os aos novos tempos, tornando-os presentes nas diversas expressões culturais da sociedade contemporânea, pois “[...] o homem continua identificando-se como um ser simbólico na busca por sentido.” (LEITE; WEDEKIN, 2015, p. 74).

Referimo-nos acima aos heróis e super-heróis dos novos tempos porque, segundo Castro (2020), na mitologia contemporânea esses personagens são humanos e semideuses. Estes últimos apresentam poderes que não fazem parte da condição humana. De acordo com a autora, por exemplo, “Batman, Homem de Ferro ou Arqueiro Verde são heróis porque aperfeiçoaram seus atributos ou habilidades humanas excepcionais. Outros, como o Super-Homem, já nasceram com capacidades extraordinárias.” (p. 81). Esses e outros personagens da mitologia cinematográfica muitas vezes são construídos, além da forma e do conteúdo, geralmente por artistas performáticos que, no conjunto da produção, criam uma espécie de enredamento visando capturar o espectador (MELANIAS, 2013), pois há nessas superaventuras os conteúdos explícitos e os subjacentes às histórias, através dos quais se quer transmitir valores, conceitos, pontos de vista, etc. (KERBER, 2017). Para tanto, as inovações tecnológicas e artísticas muito contribuíram para que o cinema se tornasse um meio poderoso de, com suas narrativas, alcançar os seus propósitos, pois os enredos desses filmes expressam os questionamentos, as preocupações e os desejos humanos atuais (RODRIGUES, 2016).

Portanto, segundo Costa (2013), o cinema é um meio muito oportuno para a apresentação das narrativas míticas, abundantemente exploradas em filmes, sendo “[...] a linguagem e o espaço onde os conflitos humanos se expressam de maneira mais grandiloquente, seja pelos recursos expressivos, técnicos e monetários ou pelo público que alcança.” (p. 21). Ou como dizia Buñuel (1983, p. 336):

O cinema é [...] o melhor instrumento para exprimir o mundo dos sonhos, das emoções, do instinto. O mecanismo produtor das imagens cinematográficas é, por seu funcionamento intrínseco, aquele que, de todos os meios de expressão humana, mais se assemelha à mente humana, ou melhor, mais se aproxima do funcionamento da mente em estado de sonho. Jacques B. Brunius assinala que a noite paulatina que invade a sala equivale a fechar os olhos. Começa então na tela, e no interior da pessoa, a incursão pela noite do inconsciente; como no sonho, as imagens aparecem e desaparecem mediante fusões e escurecimentos [...].

Com essa riqueza de possibilidades expressivas, o cinema muito contribui para a difusão dos elementos míticos e, junto com as demais mídias contemporâneas, “[...]”

fornece à vida privada as imagens e os modelos necessários para dar forma às inspirações e desejos do homem comum, utilizando a terminologia mítica para isso.” (LIMA, 2011, 3 O NOVO MITO, para. 6). Nessa perspectiva, podemos considerar que “[...] a narrativa fílmica tem a capacidade de universalizar sentimentos, valores e crenças [...]” (PEDROLO, 2017, p. 234) e, conforme esta mesma autora, tendo em vista os processos acima indicados inerentes à experiência cinematográfica, a vivência que o cinema cria favorece o estabelecimento de identificações do espectador com os personagens apresentados, possibilitando a construção de sentidos que relacionem o vivido no cotidiano e o que se apresenta nos dramas da ficção.

Partindo do que apresentamos logo acima, destacamos que, consoante com o que nos propomos no presente estudo, tomamos John Connor, da trilogia *O Exterminador do Futuro*, como um herói que foi levado a aperfeiçoar alguns atributos ou habilidades humanas, visando se preparar para cumprir o seu destino. Para tanto, nos inspiramos em Migliavacca (2002), quando enfatiza o quanto os heróis e todos os elementos míticos que os envolvem estão prenhes do que é mais profundo à condição humana, constituindo-se em uma grande riqueza de possibilidades para a compreensão do psiquismo, de grande interesse para a psicanálise.

BREVE RESUMO DA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”, CENTRADO EM JOHN CONNOR

Serão abordados os três principais filmes da série em ordem cronológica – *O Exterminador do Futuro* (CAMERON, 1984), *O Exterminador do Futuro 2: Julgamento Final* (CAMERON, 1991) e *Exterminador do Futuro 3: A Rebelião das Máquinas* (MOSTOW, 2003) – lançados em 1984, 1991 e 2003, respectivamente. Embora o personagem John Connor tenha aparecido em outras longas-metragens da franquia e em uma série de televisão de duas temporadas baseadas no filme, estas obras apresentam uma releitura do personagem e, por isso, não as comentaremos.

Quando nos propomos a uma compreensão de John Connor, sob uma ótica psicanalítica, para analisar possíveis aspectos relacionados com o herói trágico grego, partimos do pressuposto que na história apresentada nos três filmes se evidenciam algumas características da tragédia grega. Embora não seja prudente afirmar que os longas-metragens sejam classificados como tragédias no sentido de gênero cinematográfico, não nos parece absurdo reconhecer que é possível identificar algumas características trágicas nesses filmes.

Ao comparar o enredo dos três filmes tratados aqui com elementos presentes na tragédia grega, alguns aspectos são percebidos em comum: um destino inexorável, um

fator transcendental que interfere nos acontecimentos da história, um herói trágico e um fim trágico.

Os filmes lidam com dois períodos: um futuro pós-apocalíptico no século XXI e o passado/presente, retratado nos anos em que os três filmes se passam. No futuro, um sistema de inteligência artificial extremamente avançado chamado *Skynet*, produzido para fins militares pelo governo americano, torna-se autoconsciente e se rebela contra os seres humanos. Tal I. A. (inteligência artificial) controlava todos os mísseis nucleares americanos, todos os computadores de defesa militar, todos os veículos não tripulados, todos os robôs produzidos para fins militares que agiam sem comando humano e todos os computadores do solo americano, incluindo computadores e máquinas pessoais com acesso à internet.

Acredita-se que a revolta de *Skynet* contra a humanidade ocorreu devido ao fato de que o sistema se percebeu mais inteligente, mais capaz de raciocinar, de tomar decisões por conta própria sem titubear e sem o fator da emoção humana. Por consequência, *Skynet* considerava os humanos obsoletos, pois as decisões destes poderiam fracassar, tendo em vista os sentimentos presentes em tomadas de decisões, que colocariam em risco e tornavam o ser humano falho e submisso a emoções.

Ao saber que, por ser autoconsciente, poderia ser considerado uma ameaça aos seres humanos, *Skynet* decide acabar com a humanidade como um todo. Por isso, a I.A declara guerra contra a humanidade e lança bombas nucleares contra vários países do globo terrestre, incluindo o solo americano. Este evento, chamado ao longo dos filmes como “Dia do Julgamento Final”, aniquilou cerca de três bilhões de vidas humanas. Os poucos sobreviventes se uniram e criaram a chamada “Resistência humana contra as máquinas”. Tal resistência possuía um líder, John Connor, que reuniu as pessoas que restaram e decidiu lutar contra as máquinas. Foi declarada, então, uma grande guerra, tendo Connor como líder da resistência e *Skynet* como líder das máquinas.

No ano de 2029, após longo período de batalhas, a resistência começava a vencer a guerra e tudo apontava para uma vitória humana sobre as máquinas. *Skynet*, tendo consciência que as chances de derrota eram altas, resolve alterar o fluxo dos acontecimentos. Deste modo, o sistema opta por criar uma máquina do tempo e enviar exterminadores assassinos, ciborgues (organismos dotados de partes orgânicas e cibernéticas), para datas específicas do passado, com missões de assassinar determinadas pessoas, a fim de evitar a derrota que se aproximava no futuro. Um desses alvos era o próprio John Connor.

Assim começa o primeiro filme, *O Exterminador do Futuro*, lançado em 1984. Foi escrito por Gale Anne Hurd e James Cameron, que também dirigiu a obra fílmica. Neste longa-metragem que se passa na cidade de Los Angeles, no ano de 1984, um ciborgue assassino, é enviado do futuro através de uma máquina do tempo, para o ano em que

se passa o filme. Sua missão é exterminar Sarah Connor, a mãe do líder da resistência humana e, assim, evitar o nascimento de John Connor. Com o risco da destruição de seu líder, um soldado da resistência humana, Kyle Reese, voluntaria-se para ser enviado ao passado, com a missão de proteger Sarah do exterminador.

Os dois chegam ao ano de 1984. O exterminador só sabia o nome da mãe de Connor; por isso, procura e elimina todas as mulheres da cidade de Los Angeles chamadas Sarah Connor, exceto a verdadeira. Kyle, por ter tido contato com John no futuro, sabia como a mãe do líder da resistência se parecia, onde morava e onde podia encontrá-la. No desenrolar da história, Kyle encontra Sarah no mesmo momento que o exterminador, quando ocorre um confronto bélico entre os dois enviados do futuro. Kyle é capaz de deter momentaneamente o exterminador em sua missão, após atingi-lo com tiros várias vezes.

Kyle explica o verdadeiro motivo pelo qual Sarah está sendo perseguida. O soldado dá detalhes da futura guerra, de *Skynet*, fala do filho de Sarah ainda não nascido e seu propósito. Embora relutante, ela acredita no soldado. Posteriormente, após vários conflitos que resultaram numa aproximação dos dois, ambos se apaixonam e ficam juntos durante a fuga, mas são encontrados. Os dois procuram se defender, porém, Kyle é morto pelo exterminador e Sarah consegue eliminá-lo, abaixando uma prensa hidráulica no ciborgue após um confronto. Alguns meses se passam após os acontecimentos do filme. Sarah está grávida de 6 meses de Kyle Reese, que nunca soube que era o pai de John Connor, e foge para o México, onde dará luz a John e irá prepará-lo para o destino que lhe aguarda.

O segundo filme, *Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final*, foi escrito e dirigido por James Cameron. O longa-metragem se passa com John Connor adolescente, no ano de 1997. O garoto já nasce sabendo de seu destino e é criado por sua mãe tendo consciência dele. Sarah educa John de uma forma que o menino, mesmo com treze anos, já saiba manusear armas de fogo, *hackear* caixas eletrônicos, manipular e mentir bem para as pessoas. Neste filme, Sarah foi presa e institucionalizada em um hospital psiquiátrico de Los Angeles, após ela e o filho tentarem explodir uma fábrica de computadores que ela acreditava que iria ser responsável pela criação de *Skynet*. A empreitada fracassa. Sarah é detida e perde a guarda de seu filho, que passa a viver com pais adotivos. O adolescente John é rebelde, com passagens pela polícia, não frequenta a escola e não respeita seus pais adotivos.

Assim como no primeiro filme, *Skynet* envia um novo exterminador; porém, muito mais avançado que o primeiro, e sua missão é assassinar o adolescente John Connor. A Resistência humana consegue enviar um ciborgue programado para protegê-lo. Ao longo do filme, ambos os ciborgues encontram John, mas o protetor consegue salvá-lo. Ao se dar conta de que está sendo protegido por uma máquina mortal, que é programada inclusive

para ser obedecida por ele, John resolve invadir e libertar sua mãe do hospital psiquiátrico.

Desse modo, Sarah, John e o ciborgue protetor fogem para evitar as autoridades locais. Durante a fuga, a mãe resolve interrogar o ciborgue sobre detalhes do futuro e de como evitar a criação de *Skynet*. O exterminador dá detalhes minuciosos com datas e pessoas responsáveis pela criação do sistema. Assim, Sarah opta por alterar e evitar o futuro apocalíptico, assassinando o responsável pela criação e desenvolvimento da I.A, Miles Bennet Dyson. Este é morto e a empresa da qual ele era CEO, *Cyberdyne Systems*, é explodida por Sarah, John e o ciborgue protetor, que acreditavam, assim, evitar completamente o futuro da guerra. Os ciborgues se enfrentam uma última vez, e o protetor, após conseguir eliminar o exterminador, opta por se autodestruir, pois sua missão foi cumprida.

O terceiro filme da trilogia se passa em 2003, seis anos após os acontecimentos do anterior. O longa-metragem, intitulado *Exterminador do Futuro 3: A Rebelião das Máquinas*, foi dirigido por Jonathan Mostow e escrito por John Brancato e Michael Ferris. Neste filme, John Connor vive como um nômade, é alcoólatra, não possui emprego fixo e vive viajando. Ele acredita que conseguiu evitar o futuro apocalíptico por seus esforços do passado. Contudo, é surpreendido quando um novo ciborgue protetor, enviado pela Resistência, afirma que o “Dia do Julgamento Final” não foi evitado e irá ocorrer em 24 horas dos eventos do filme. *Skynet* envia uma exterminadora com duas missões: exterminar John Connor e futuros subordinados dele na Resistência humana; e garantir que a *Skynet* seja ativada para que o Julgamento Final possa ocorrer.

Bem como no filme anterior, Connor quer evitar este destino a todo custo e se recusa a aceitar seu papel como futuro líder. No desenrolar do filme é dito que uma base militar, chamada *Crystal Peak* é o local onde a *Skynet* está sediada. John vai até essa base militar, com explosivos, visando explodir a sede do sistema e evitar o apocalipse que irá acontecer em poucas horas. Entretanto, ao chegar no local, ele descobre que a base não é a sede da I.A. Pelo contrário, é uma forte base antinuclear. Lá, ele estará protegido das bombas que irão ser lançadas. O ciborgue protetor e a exterminadora se enfrentam na base e o protetor de John consegue exterminar sua oponente, mas é destruído quando as bombas caem. No final do filme, o protagonista descobre que o ciborgue protetor sabia que a base não era a sede da *Skynet*. *Crystal Peak*, na verdade era o local partir do qual John irá unir e organizar a Resistência humana. O ciborgue propositalmente omitiu a informação, para que John aceitasse o destino.

Dito isso sobre a história do filme, o que é possível ser comparado com a tragédia grega? *Skynet*, o sistema de inteligência artificial pode ser equiparado a um fator transcendental, como uma divindade suprema, que tudo pode e que procura interferir no

curso da história, remodelando o passado e presente, visando alterar completamente o desfecho futuro, segundo os seus desígnios. Os exterminadores, enviados pelo sistema ao longo dos três filmes, são provas dessa interferência. Além disso, há um destino trágico que procura ser evitado na trilogia: o “Julgamento final” e seus desdobramentos, com a guerra entre os sobreviventes humanos e as máquinas. Assim, John Connor é uma espécie de herói trágico, pois carrega o fardo de nascer com o destino traçado de futuro líder da Resistência humana, na guerra contra as máquinas. Deste modo, John, *a priori*, pode ser visto como uma vítima do fator transcendental, a “divindade”. Todavia, é preciso considerar que, embora em princípio não queira aceitar o papel de líder da Resistência, ele quer evitar esse destino a todo custo, mesmo que não o consiga. Ressalte-se que o seu destino não é somente ser líder, mas enfrentar o “Julgamento final” e o desfecho que isso implica. Ao longo da história, apesar de reconhecer o futuro que lhe aguarda, procura evitá-lo de todas as formas.

JOHN CONNOR: ASPECTOS TRÁGICOS E PSICANALÍTICOS NO PERSONAGEM

Vejamos agora alguns elementos extraídos dos filmes, que procuraremos discutir, correlacionando com a teoria psicanalítica. Certamente que não pretendemos esgotar as possibilidades de sentidos, mas apenas destacar certos aspectos que nos parecem importantes, em nossa tentativa de pensar sobre essas produções fílmicas.

No segundo filme, John é apresentado como um adolescente de 15 anos de idade, com passagens pela polícia, conflitos com os pais adotivos e capaz de manipular até o ciborgue protetor para conseguir o que quer. Em determinado momento do longa-metragem, ele conversa com o ciborgue sobre seu passado:

A maioria dos caras que minha mãe saía eram toscos, mas um deles era legal. Me ensinou tudo sobre motores. [...] Ela terminou com ele depois, é claro. Ela vivia falando sobre o julgamento final, de eu ser esse grande líder mundial. Era só isso que ela falava. [...] Espero que um dia eu conheça meu verdadeiro pai. (CAMERON, 1991, 1h 28min 35seg).

Nesta fala, é possível perceber que não só John teve vários padrastos, como ele gostaria de ter tido uma figura paterna mais estável, tendo em vista que seu pai biológico faleceu antes de seu nascimento. É possível inferirmos que a ausência do pai, ou de um padrasto que exercesse a função paterna em sua vida, poderia ser considerado um dos fatores envolvidos na sua rebeldia adolescente. Quanto a isso, de acordo com Benczick (2011), a ausência da figura paterna, quando resulta na sua não internalização simbólica, “[...] pode se manifestar de diversas maneiras, entre elas uma maior propensão para o envolvimento com a delinquência.” (p. 70).

Nessa perspectiva, segundo Benczick (2011), uma figura paterna realiza o papel mediador junto com a mãe no estabelecimento de um ego mesmo rudimentar. A criança constrói sua subjetividade a partir da relação que ela possui com o pai e a mãe. Ainda segundo Benczick (2011), “a experiência clínica tem mostrado que, na vida adulta, as representações dessa vivência insurgem nas várias possibilidades de construção psicoafetiva, com repercussão nas relações sociais.” (p. 69). Portanto, é possível pressupor os conflitos que John Connor tem com a lei, a desobediência com seus pais adotivos e sua rebeldia estejam relacionados a múltiplos fatores, entre eles os relacionados ao processo educacional recebido durante sua vida e aqueles oriundos da ausência paterna.

No segundo filme, John arrisca a própria vida para libertar sua mãe do hospital psiquiátrico, junto com o ciborgue protetor, e ameaça explodir a fábrica da *Cyberdyne Systems*. É possível entender a coragem de Connor para realizar estes atos, considerando-se as motivações que o impulsionam, como expressão de elementos internos carregados de energias pulsionais, tendo em vista que as pulsões, de vida e de morte, forças constituintes de nossa humanidade, são forças opositoras que apresentam, por um lado, a tendência à agregação, à união, e, por outro, à destruição, à agressividade, num retorno ao inorgânico (FREUD, 2010a, 2010b). Contudo, na proposição freudiana, embora opostas, as pulsões agem de modo indissociado, onde cada uma participa em proporções variadas, como explicam Tavares e Costa (2018, p. 108): “Elas são marcadas por um paradoxo interno, são forças opostas que atuam ao mesmo tempo, porém não se anulam, em um processo de fusão e defusão.” A partir dessas considerações, parece-nos plausível pensar na força de vida que leva John Connor à coragem necessária para realizar os atos acima comentados, ressaltando a sua ligação com a mãe no desejo de resgatá-la, vê-la livre e reconciliada com ele, assim como no ímpeto de destruir a fábrica, com o intuito claro de preservação. Mas os elementos destrutivos se fazem presentes na realização dos seus propósitos, seja na exposição aos riscos, seja nos meios usadas para tal finalidade.

Nas ações acima destacadas e nas motivações que o impulsionam, John Connor apresenta evidências do que consideramos ser uma tendência transgressiva, num confronto com a ordem instituída superior, o que nos faz pensar nisso como um elemento a partir do qual podemos supor a aproximação com uma característica fundamental do herói trágico: o caráter transgressor. Quanto a isso, Pinheiro (2011) comenta que esse herói vivencia um excesso, que o faz ultrapassar os limites daquilo que é próprio dos homens, aproximando-se perigosamente do que é reservado aos deuses, em função de um desejo transgressivo. Nesse sentido, conforme Tavares e Costa (2018, p. 108):

O herói transita em dois mundos, o humano e o divino. O primeiro de caráter normativo, fadado aos mortais; já o segundo é transgressor, sem regras ou limites, exclusivo para os imortais. O herói, ao se aventurar por estes dois

mundos, vive o paradoxo: ao mesmo tempo em que é obrigado a seguir as regras, tem o ímpeto de transgredi-las.

As transgressões de John Connor acontecem na medida em que o personagem quer alterar o futuro reservado para ele. Se pensarmos em *Skynet* como um fator transcendental, uma ‘divindade’ que é responsável em parte por esse futuro, podemos entender o desejo transgressivo do herói. John sabe que, mesmo acompanhado de um ciborgue protetor, ainda é humano e corre riscos como todo mortal – sejam riscos de morte ou de perder a liberdade, sendo preso por suas ações. Realizando o seu desejo, de algum modo se equipararia a *Skynet*, pois estaria controlando os acontecimentos futuros.

Como telespectadores podemos entender, com base no que é mostrado no segundo filme, como o adolescente John deve ter se sentido ao longo da vida, ao se dar conta de sua importância e o fardo de ter sido criado a partir de experiências que ainda não vivenciou. O amor da figura materna que o adolescente parece buscar são renegados por sua própria mãe, preocupada em prepara-lo para sua função futura. Em uma cena do segundo filme, após Sarah, John e o T800 (ciborgue protetor) escaparem o hospital psiquiátrico, Connor e sua mãe se abraçam dentro do carro. Entretanto, o garoto logo percebe que ela não está realmente lhe abraçando, mas procurando ferimentos de tiros no corpo do filho, após a fuga do hospital. Inconformado, John chora enquanto sua mãe lhe dá um sermão sobre ele ter sido, no entendimento dela, irresponsável por ter arriscado a própria vida para tentar salvá-la.

Para Minerbo (2014), o psiquismo humano tem uma tendência a simbolizar todas as nossas experiências ao longo da vida. Aquilo que a mente não dá conta de simbolizar, vira um enrosco, um trauma. Para a mesma autora, o psiquismo é invadido pelo inconsciente parental, pontos do psiquismo não simbolizados dos pais e/ou figuras parentais são introjetados na criança e agem no psiquismo deste como corpos estranhos. Com o passar do tempo, o psiquismo carrega as experiências dos objetos primários que se confundem com os conteúdos próprios da mente do indivíduo, em que “as vozes das várias crianças-no-adulto estão o tempo todo tentando se expressar do jeito que elas conseguem. Não tem escolha a não ser dar notícias do seu sofrimento por meio de inibições, sintomas, angústias e atuações.” (MINERBO, 2014, p. 51)

É por essa perspectiva que pensamos ser possível conjecturar que a criança dentro do adolescente John Connor se expressa pela sua delinquência: pelo roubar e pela rebeldia, pontos que podem ser entendidos pela ótica de uma atuação, ações em que o indivíduo não tem consciência plena das consequências que produz, embora saiba o que faz. Essas atuações de John nos fazem pensar na ponderação de Zimerman (2007), quando comenta que

Determinados pacientes não conseguiram, durante o seu desenvolvimento emocional primitivo, encontrar um adequado "continente" que os auxiliasse a suportar as frustrações provindas de dentro e de fora, e, por isso, desenvolveram um ódio contra a necessidade de dependência de outra pessoa, substituindo essa angústia por uma série de mecanismos primitivos, dentre os quais, cabe destacar a hipertrofia de uma onipotência (que se instala no lugar de "pensar", já que esse paciente imagina que "pode" tudo); uma onisciência (no lugar do indispensável "aprendizado com as experiências", já que ele imagina "saber" tudo); uma prepotência (na verdade, uma "pré-potência" que mascara sua impotência, assim substituindo o reconhecimento de seu estado de desamparo e de fragilidade); um excessivo uso de identificações projetivas, as quais aumentam à medida que não encontram um continente acolhedor e transformador; um terror sem nome, que refere a fortes angústias desconhecidas (pelo menos, não reconhecidas pelo paciente) e que, se não forem devidamente nomeadas, serão atuadas. (ZIMERMAN, 2007, p. 393)

Este raciocínio nos parece mais plausível se levarmos em conta a figura materna que o garoto teve com Sarah Connor, se partirmos do pressuposto de que ela não tenha sido uma mãe "continente", em função de sua preocupação em preparar o filho para o futuro e talvez esquecendo do aqui e agora da relação entre ambos e as necessidades imediatas dele. É explicitado pelo personagem que sua mãe lhe deu pouco afeto, carinho e atenção. Basicamente o doutrinou para que soubesse do seu destino inescapável e o treinou física e emocionalmente para isso, no afã de protegê-lo e garantir o seu futuro. Nesse sentido, podemos então supor que Sarah Connor não conseguiu ser uma mãe suficientemente boa (WINNICOTT, 1979, 1983, 2006), necessária para um desenvolvimento pleno do indivíduo, nem houve outra figura substituta que fizesse uma função materna continente, acolhedora para esse sujeito John, que se constituía.

Com o ciborgue protetor, John parece possuir uma relação muito peculiar, que julgamos interessante pensar aqui. John se surpreende com o ciborgue protetor de dois modos distintos, que ocorrem cronologicamente nos eventos do filme: o garoto descobre que ele obedece todas as suas ordens; também é resistente às dores físicas, não esboçando nenhuma reação emocional ao sofrer qualquer tipo de dano. No caso, temos como exemplo quando, durante um diálogo com o ciborgue, John se irrita com a máquina quando ele o aconselha a não procurar sua mãe biológica, havendo risco de o exterminador rival encontrá-la e assassiná-la, o que colocaria em risco a missão do T800. Inconformado com o ciborgue, o garoto se irrita e tenta fugir correndo do exterminador protetor, que o segura pela jaqueta e o alerta que ele corre perigo se ficar sozinho. John grita com ele, pedindo que o solte, até que, para sua surpresa, ele obedece e solta o garoto, que cai no chão de forma abrupta. John então lhe questiona:

- Por que diabos você fez isso?

- Porque você mandou eu fazer.

- Você tem que fazer o que eu mandar?
 - É um dos parâmetros de minha missão.
 - Me prove, então. Fique em um pé só.
- (O ciborgue protetor obedece)
- Isso! Meu próprio exterminador.
- (CAMERON, 1991, 49 min 36seg)

No segundo caso, temos como exemplo quando, após conseguirem fugir do T1000 (ciborgue exterminador), Sarah, John e o T800 se escondem em uma oficina mecânica, onde tratam seus ferimentos. Sarah remove as balas alojadas no exterminador e faz curativos para ele. John se surpreende com a cena e pergunta:

- Você sente dor quando toma tiros?
 - Percebo que há ferimentos, meus arquivos interpretam como danos ou dor humana.
 - Eles vão cicatrizar?
 - Sim.
- (CAMERON, 1991, 1h 11 min 06seg)

Os exemplos acima evidenciam que John fica surpreso que pode controlar o objeto exterminador que lhe protege, sabe que a máquina seria capaz de ir até os limites físicos de suas ordens, com raros questionamentos. A anatomia do ciborgue permite que este possa fazer literalmente quase tudo que o adolescente lhe pedir. Há uma relação de controle e dependência entre John Connor e o exterminador T800. Tomando essa relação como um modelo, a partir dele podemos fazer um paralelo com a identificação projetiva, um conceito postulado por Melanie Klein, que Ribeiro (2016) explicita do seguinte modo:

Trata-se de uma forma específica de identificação que tem um caráter de expulsão violenta de partes do *self* para dentro do objeto, enfraquecendo o ego, gerando confusão e indiscriminação entre sujeito e objeto. Se a expulsão for de partes consideradas más, há intensificação da persecutoriedade em relação ao objeto. Se o que predominar for a projeção de partes boas, isso tanto pode tornar as relações de objeto mais amorosas, favorecendo a introjeção do bom objeto e gerando integração, quanto um enfraquecimento do ego, caso a projeção das partes boas seja excessiva. (RIBEIRO, 2016, p. 15)

Nesse caso, o objeto seria o ciborgue protetor, levando-nos a conjecturar a possibilidade de que, até este ponto, predominaria a expulsão das partes destrutivas do *self* de John Connor, pela projeção dos seus aspectos destrutivos no ciborgue, já que este é capaz de suportar absolutamente tudo, ou seja, aquilo que o jovem não pode suportar, seja física ou emocionalmente. Com esta suposição, embora não se observe aumento da persecutoriedade em relação ao objeto, o ciborgue protetor, esta parece estar deslocada

ao ciborgue exterminador, que concretamente os persegue.

No plano emocional, podemos comparar com dois momentos do segundo filme, quando John conversa com o ciborgue protetor. Em certo ponto, ele questiona este ciborgue sobre o destino da raça humana, perguntando se os humanos vão sobreviver a um possível apocalipse ou um futuro incerto, ao que o protetor apenas responde que é da natureza humana os seres humanos se destruírem, seja por um apocalipse ou não. Posteriormente, o jovem pergunta para o T800 se ele tem algum medo, incluindo o medo da morte. O ciborgue protetor lhe responde com um curto e forte não. Surpreso com a aparente naturalidade e frieza das respostas do T800, John fica em silêncio nas duas ocasiões. Essa surpresa do jovem diante da reação do ciborgue protetor, talvez pudesse ser tomada como uma possível quebra de um processo de idealização, supondo que, ao projetar no objeto suas partes destrutivas do *self*, este fosse contê-las e manifestar-se com mais vivacidade às suas indagações existenciais, talvez expressando um lado humano que pudesse incrementar a relação entre ambos. Por outro lado, diante do impacto decorrente da surpresa, podemos pensar na possibilidade de ter se instaurado uma ruptura na mente de John, que o leva ao silêncio, como que tentando processar o vivido, como se estivesse em vias de passar de um estado mental para um outro.

Discutimos acima uma suposta identificação projetiva, caracterizada como expulsiva e agressiva. Contudo, conforme assinalamos, nela também pode predominar a projeção de partes boas do *self*, havendo, em nosso entendimento, alguns exemplos disso na relação de John Connor com o ciborgue protetor. Vejamos a seguir alguns dados.

Uma das características dos exterminadores modelo T800 está na capacidade de serem máquinas de infiltração humana; ou seja, devem parecer humanos, andar com os humanos e agir como seres humanos em certa medida. Entretanto, o ciborgue protetor afirma no segundo filme, em um diálogo com John Connor, que quanto mais contato com humanos, mais aprende sobre suas características. O garoto pergunta para ele:

- Você pode aprender coisas além daquilo que foi programado? Para que você seja mais humano e não tão máquina todo tempo?
- Meu CPU é um neuro-processador, uma máquina de aprendizado, mas *SkyNet* nos programou apenas para fazermos leituras humanas.
- Não querem que vocês pensem muito, né? (Indaga Sarah).
- Não.
- Há como reiniciarmos seu CPU?

(CAMERON, 1991, 1h 11min 30seg)

Diante da resposta afirmativa, John e Sarah Connor, sob instruções do ciborgue protetor, reiniciam seu CPU e, a partir disso, ele é capaz de aprender e entender os humanos de forma mais eficiente e rápida, contando com os ensinamentos de John sobre

os humanos, acerca da empatia, das gírias que as pessoas usam, do porquê de o ciborgue não matar e porque a vida humana é valiosa, pois, além de protegê-lo, o ciborgue protetor também deve proteger a mãe de John, pois o garoto nutre um intenso valor emocional pela figura materna, entre outros exemplos.

Após o T800 eliminar o T1000, seu sistema requer que ele se autodestrua, pois havia cumprido sua missão de proteger John Connor. O jovem rapaz, ao tomar conhecimento que o ciborgue protetor deve se autodestruir, ordena-lhe várias vezes que ele não faça isso, mas tem os seus pedidos negados. Em um diálogo de adeus, John chora compulsivamente, sabendo que nunca mais verá o seu protetor. O T800 diz ao adolescente: “Agora sei porque vocês choram, mas é algo que jamais poderei fazer.”

No final do filme, John Connor reconhece que, mesmo o T800 sendo uma máquina, este objeto que ele investiu tem sua vontade própria, ao iniciar o processo de autodestruição após concluir a missão. Pareceu-nos que, ao longo da trama, o ciborgue protetor funcionou como um objeto que sustentava a sensação de onipotência e controle de John, já que o T800 parecia indestrutível e sempre fiel a seus comandos. O jovem ordena repetidamente para que o ciborgue não se autodestrua, mas este se nega a obedecê-lo. Diante da recusa, o rapaz chora, mas finalmente aceita e se despede de seu protetor com um abraço, sendo recebido em seu gesto espontâneo por T800. O abraço derradeiro de despedida dos personagens pode ser entendido como um gesto espontâneo, que talvez opere em dois níveis emocionais para o rapaz: o de ter a sua dor da perda do objeto (literal e simbolicamente) contida pelo protetor, que retribui o abraço; e o da aceitação da castração (ter seu desejo onipotente negado). Estes processos operam como um movimento de transição de um funcionamento mental característico da posição esquizoparanóide para um funcionamento mental próprio da posição depressiva. Nesta, além de outros aspectos, destaca-se a percepção de que o indivíduo é separado do objeto que investiu, que este tem a sua própria autonomia e, mesmo não querendo, deixa o ciborgue partir. Assim, o processo de elaboração da identificação projetiva, enquanto mecanismo típico do funcionamento esquizoparanóide, se dá ao perceber que o objeto investido é diferente do sujeito e que este consegue reconhecer quais são os seus sentimentos de fato e que pode ser independente do objeto, reconhecendo que este também é independente dele. É um processo árduo e intenso, que envolve o luto por aquele objeto que o indivíduo investiu.

Tanto no segundo, quanto no terceiro filme, é possível perceber o Exterminador (ciborgue protetor) como que exercendo as funções de uma figura paterna para John. No terceiro longa-metragem, por exemplo, John é um nômade, um alcoólatra e viciado em drogas. O jovem adulto deste filme ainda recusa o seu destino, lutando contra ele e, por várias vezes, o ciborgue protetor e John discutem ao longo da história. O ciborgue, como uma espécie de figura paterna, traz John de volta à realidade e procura prepará-lo para

aceitar o futuro que lhe é reservado. Ele reconhece esse papel do ciborgue protetor em sua vida, ao afirmar que este era “a coisa” mais próxima de um pai que já teve. Por essa influência que o ciborgue exerce em John, ele começa a enfrentar os seus medos com relação ao futuro.

Também no terceiro longa-metragem, ao descobrir que seu destino ainda é real e seus esforços passados não impediram o Julgamento Final, Connor manifesta um estado que comparamos à *Hybris*, evidenciado em uma cena onde insiste não querer se esconder no refúgio para sobreviver às bombas que *Skynet* irá lançar dentro de poucas horas, como se com isso, querendo arriscar os seus últimos esforços disponíveis, pudesse evitar o apocalipse e o seu destino. Ao perceber que o ciborgue protetor ignora as suas súplicas, ele ameaça suicidar-se:

- Este é o seu destino, John.
- Dane-se o meu destino!
- Você não pode se autodestruir.
- Não, você não pode. Eu posso fazer o que eu quiser da minha vida, porque eu sou um ser humano e não sou um maldito robô!
- Organismo cibernético [...]
- Que seja! Ou vamos até o pai dela para pararmos a *Skynet* e impedir que essa droga aconteça, ou já era o grande John Connor. Porque seu futuro, o meu destino eu nunca pedi isso e nunca quis.

(MOSTOW, 2003, 1h 4min 45seg)

Este diálogo entre John e o ciborgue evidencia vários aspectos que supomos poder comparar com o herói trágico e com o homem psicanalítico. Connor mostra-nos o ápice de sua humanidade, inicialmente com uma não responsabilização por seus atos, com medo de enfrentar quem era e o seu futuro. Uma dualidade entre terminar a própria vida para não encarar o futuro e arriscar a própria vida para mudar o futuro.

Por fim, resta a dúvida: qual seria o erro e o conseqüente fim trágico de John Connor? Se levarmos em conta que a desmedida é o que leva o herói a cometer atos que resultarão em sua ruína e evidenciam o caráter trágico de suas ações, é possível inferir que a recusa constante de John Connor em aceitar o seu destino e a constante tentativa de moldá-lo, ou evitá-lo, mesmo que isso colocasse sua vida em risco, seria seu erro trágico. Quanto ao fim trágico, podemos supor que seria o momento em que o destino se realiza independentemente dos esforços do herói nos enredos dos filmes. Ao perceber que o *Crystal Peak*, que acreditava sediar a inteligência artificial, era na verdade uma base de abrigo antibombas nucleares, que no futuro será a sede da resistência humana onde John organizaria as suas estratégias, ele aceita o seu destino. Num fluxo de consciência, quase epifânico, no final do terceiro filme, o protagonista reconhece que o Exterminador

(ciborgue protetor) sabia de tudo e omitiu propositalmente para que Connor aceitasse o que lhe era inescapável.

Para fins comparativos, tomemos um comentário que Migliavacca (2004) faz da tragédia Édipo *Rei*, de Sófocles (2002), afirmando que, ao perceber a verdade sobre si mesmo, Édipo perfura seus próprios olhos e

Ao dar-se conta de seus equívocos, integralmente e de uma vez só, Édipo percebe toda sua verdade. *O efeito desse desvelamento é ao mesmo tempo atordoante e libertador, pois provoca uma completa reformulação no estado de coisas. As coisas em si mesmas não mudam, mas sua inclusão na consciência que o conduz aos paroxismos da dor, mas também a uma correção de rumo. [...] enfrentar a verdade de si mesmo é um passo inarredável para efetuar a reconciliação com as próprias contradições e para a aceitação da condição humana – ou diríamos, para a evolução psíquica.* (MIGLIAVACCA, 2004, p. 857; itálicos nossos)

E isto nos faz pensar, por comparação, em John Connor descobrindo a verdade acerca de si mesmo, que terá que encarar, ainda que tenha tentado evitar a todo custo o que lhe era destinado. Nesse sentido, vale resgatar um paralelo que a mesma autora faz sobre o herói trágico e o sujeito psicanalítico:

Dizendo de modo mais preciso, o homem trágico e o homem investigado pela psicanálise são o mesmo homem, pois compartilham uma condição em comum, à medida que aspectos fundamentais da natureza humana – mas não toda ela – estão aí contemplados. [...] tanto na tragédia quanto na psicanálise o homem é apresentado como um ser cindido a caminho de uma integração, aos poucos conquistando a consciência de seu andar, uma consciência propriamente trágica no sentido de que percebe a sua cisão interna, as consequências dela e vislumbra o evoluir de um penoso processo de reconstrução que se impõe por essa mesma consciência. (MIGLIAVACCA, 2004, p. 863)

O caminho que o herói trágico percorre até descobrir a verdade de si mesmo é muito doloroso. É um percurso que passa pelas ações consequentes da desmedida, culminando no erro trágico, no reconhecimento e responsabilização deste erro e pelo fim trágico. O sujeito psicanalítico tem a similaridade com o herói no que se refere ao percurso de perceber suas próprias contradições e seus erros, até que, por fim, se responsabiliza por eles. Desse modo, “Tanto o herói, para a tragédia grega, quanto o homem, para a psicanálise, são formados por elementos inconscientes e ambos são incumbidos pela responsabilidade de suas ações.” (TAVARES; COSTA, 2018, p. 108). Talvez por isso, John, no final do terceiro filme, ao reconhecer a omissão do ciborgue protetor, ao perceber a inexorabilidade do seu destino e que ele irá se tornar o líder da Resistência, toma a responsabilidade para si e reconhece que deve ser forte e se preparar para liderar a humanidade na guerra, incerto de como conseguirá vencer esta árdua batalha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcurso do presente trabalho apresentamos algumas discussões a partir de conjecturas, acerca de uma trilogia fílmica de ficção científica que surpreendeu muitas pessoas quando a assistiram. Portanto, o que apresentamos trata-se de uma “leitura” dentre tantas possíveis, tendo em vista que cada espectador poderá ter uma compreensão diferente acerca do enredo dos filmes citados, dependendo do que lhes suscitar.

Tecemos considerações a partir de alguns elementos psicanalíticos e trágicos que julgamos possíveis de serem pensados em decorrência do que nominamos como sendo o destino de John Connor, na trilogia “*O exterminador do futuro*”, onde suas ações parecem permeadas de grande intensidade emocional, revelando uma condição transgressiva presente na sua luta em prol de mudar a vida e a missão que lhe estavam reservadas.

No esforço de nos debruçarmos sobre esta obra cinematográfica, com foco no personagem escolhido, mantendo um diálogo entre a psicanálise e a mitologia grega na sua versão trágica, nos deparamos com a riqueza de possibilidades, mas também com os limites inerentes à tentativa de não perder a perspectiva da singularidade, o que se constituiu em um desafio na seleção dos elementos a serem destacados e no modo como os apresentamos.

Em nossa compreensão, John Connor é um herói contemporâneo, sendo treinado para aprimorar certas habilidades com o propósito de prepara-lo ao cumprimento daquilo a que estava destinado. É um personagem próprio dos nossos tempos, mas em sua construção e apresentação contém características do herói trágico, como assinalamos, portando indagações profundamente humanas, com seus conflitos, contradições e anseios, dos quais a psicanálise ocupa-se no seu afã de compreender os fenômenos humanos.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, L. A. Psicanálise e mitologia grega. *Pulsional - Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 14/15, n. 152/153, p. 07-18, 2002.

BENCZIK, E. B. P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf> Acesso em: 25 jan. 2020.

BUÑUEL, L. Cinema: instrumento de poesia. In: XAVIER, I. (Org.). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983. p. 333-337.

CAMERON, J. (Diretor). *O exterminador do futuro* [Filme]. Orion Pictures; Pacific Western Productions; Hemdale, 1984.

CAMERON, J. (Diretor). *O exterminador do futuro 2: o julgamento final* (versão estendida) [Filme]. Carolco Pictures; Pacific Western Productions; Lightstorm Entertainment; Le Studio Canal + S.A, TriStar Pictures, 1991.

CASA NOVA, V. L. C. As mitologias resistem. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 8, n. 4, p. 112-117, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i4.1622> Acesso em: 7 jun. 2022.

CASTRO, S. Super-homem, e a mitologia moderna nos super-heróis de HQs. *APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, v. 14, n. 24, p. 78-87, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/aprender.i24.7782> Acesso em: 12 nov. 2021.

CORRÊA, C. P. O trágico e a tragédia, vinculação e escolha. *Cogito*, Salvador, v. 7, p. 41-47, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100007&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 12 dez. 2021.

EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Histórias de uma antiga relação: uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud. *Revista de Psicologia da UNESP*, Assis, v. 10, n. 1, p. 24-38, 2011. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/557/513> Acesso em: 11 nov. 2021.

FRANCISCATO, C. R. *Hércules*. São Paulo: Palas Athena, 2003.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. 11, p. 73-89.

FREUD, S. Por que a guerra? In: FREUD, S. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 18, p. 237-250.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 18, p. 90-188.

KERBER, C. L. Capitão América: o herói mitológico estadunidense. *Diálogo*, Canoas, n. 34, p. 09-19, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i34.3027> Acesso em: 9 fev. 2022.

LEITE, A. L. P.; WEDEKIN, L. M. Narrativas mitológicas sobre processos de morte simbólica. *Último Andar*, São Paulo, (25), 57-76, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/24645> Acesso em: 9 fev. 2022.

LIMA, M. A. M. *Cotidiano fantástico: A influência da mitologia na atualidade*. n. p., 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/4987557/Cotidiano_Fant%C3%A1stico_A_Influ%C3%Aancia_da_Mitologia_na_Atualidade Acesso em: 15 abr. 2022.

LÓPEZ SACO, J. Mitología griega en el cine: un moderno proceso creativo de reinención. *PHOÏNIX*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 153-167, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/32964/18433> Acesso em: 22 jun. 2022.

- MACHADO JÚNIOR, P. P. *Psicanálise, cinema e fantasia: a análise de filmes pela perspectiva de Melanie Klein e autores pós-kleinianos*. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.47.2014.tde-19112014-154551> Acesso em: 2 jul. 2022.
- MASSOM, J. M. (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MELANIAS, A. *O sagrado e o profano na cultura pop*. Joinville: BTBooks, 2013.
- MIGLIAVACCA, E. M. Dupla face do mito: modelo e função. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 251-262, 2002.
- MIGLIAVACCA, E. M. Mitos: expressão do humano. *Ide*, São Paulo, n.37, p. 70-79, 2003.
- MIGLIAVACCA, E. M. A dimensão trágica do psiquismo: Um ensaio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 843-866, 2004.
- MINERBO, M. Pensamento clínico: diálogo com um jovem colega. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 47, n. 87, p. 215-230, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v47n87/v47n87a13.pdf> Acesso em: 19 out. 2021.
- MOSTOW, J. (Diretor). *O exterminador do futuro 3: a rebelião das máquinas* [Filme]. C2 Pictures; Intermedia; Columbia Pictures, 2003.
- PASTORE, J. A. D. O caos, o acaso e o trágico. *Ide*, São Paulo, v. 35, n. 54, p. 109-125, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v35n54/v35n54a11.pdf> Acesso em: 27 fev. 2021.
- PEDROLO, F. M. D. A linguagem cinematográfica e a expressão poética no filme *Detachment* – O Substituto. *Travessias*, Cascavel, v. 11, n. 2, p. 233-247, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/17467> Acesso em: 14 jan. 2022.
- PINHEIRO, V. C. O páthos trágico de Aquiles. *Revista Archaí*, Brasília, n. 7, p. 87-93, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8254> Acesso em: 22 dez. 2021.
- REBLIN, I. A. *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- RIBEIRO, M. F. R. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment: o analista implicado. *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 11-28, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v38n35/v38n35a01.pdf> Acesso em: 5 mar. 2020.
- RODRIGUES, N. S. *Perpetuação do imaginário clássico no cinema épico dos anos 50 e 60*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29179796/Perpetua%C3%A7%C3%A3o_do_Imagin%C3%A1rio_Cl%C3%A1ssico_no_Cinema_%C3%89pico_dos_anos_50_e_60 Acesso em: 29 jul. 2022.
- SILVA, J. A. A hýbris e a arrogância: uma possível relação entre mitologia grega e psicanálise. In: COSTA, P. J. (Org.). *Mitologia grega e psicanálise: reflexões*. Curitiba: CRV, 2014. p. 121-139.

SÓFOCLES. Édipo rei. In M. G. Kury. (Trad.). *A trilogia tebana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 17-97.

TAVARES, J. M. W.; COSTA, P. J. Tragédia e psicanálise: um ensaio sobre o herói grego. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 103-115, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v1p.103> Acesso em: 27 abr. 2021.

WINNICOTT, D. W. *A criança e seu mundo*. 5. ed. Tradução: A. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. Tradução: I. C. S. Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. 3. ed. Tradução: J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZIMMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
 Esfinge 82, 138, 139
 Espelho psíquico 56
 Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
 Estado mental 4, 100
 Estados-limites 180
 Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
 Estruturação do sujeito 109
 Etéocles 110
 Ética da clínica psicanalítica 23
 Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
 Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
 Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
 Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
 Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
 Experiência cinematográfica 91
 Experiência de contato emocional 3
 Experiência emocional 3, 5
 Expressões míticas contemporâneas 89
 Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
 Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
 Fedra 75
 Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
 Fenômenos transicionais 33
 Figura materna 97, 98, 101
 Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
 Fim trágico 92, 102, 103
 Formação do Eu 50
 Formação reativa 187, 199
 Fórmulas da sexualização 150, 151
 Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
 Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
Função do analista 156
Função do psicanalista 167
Função materna 33, 36, 44, 98, 151
Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
Fundamento da clínica 158
Fundamentos da psicanálise 12
Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
Hécate 67, 73
Helena 69
Hélio 40, 67
Hemon 112
Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
Hércules 69, 70, 83, 105
Hermes 68, 77
Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
Hesíodo 5, 8, 60, 63
Hipólito 75, 84, 153
Histórias de captura 38, 46
Homem contemporâneo 19, 20
Homem psicanalítico 102
Homem trágico 103, 173
Homero 25
Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

J

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

Mãe odiosa 145, 147

Mãe suficientemente boa 98

Mal-estar contemporâneo 12, 22

Mal-estar pós-moderno 13

Maternagem suficientemente boa 33

Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Mênades 174, 177

Mérope 128, 129, 130, 138

Metamorfose 49

Metanira 41

Metapsicologia 21, 24, 61, 144

Método psicanalítico 174

Metonímia do desejo de falo 150

Mídias contemporâneas 89, 90

Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204

Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122

Mitologia contemporânea 90

Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206

Moções pulsionais 184, 196, 200

Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194

Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170

Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Narrativas mitológicas 89, 105

Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sofrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36

Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201

Vinho 54, 174, 180, 181, 182

Violência psíquica 3

Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023

